ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

PROCEDIMENTOS DE NOMEAÇÃO DE NOVOS REFERENTES INTRODUZIDOS NAS CULTURAS GUARANI E KAIOWÁ

Nomination procedures regarding introduced referentes in Guarani and Kaiowá cultures

Paula Braz[i]
Universidade Federal da Grande Dourados
Marilze Tavares[ii]
Universidade Federal da Grande Dourados

Resumo: Neste trabalho, apresentamos um breve estudo do processo de nomeação de novos referentes introduzidos no cotidiano de comunidades indígenas Guarani Ñandeva e Guarani Kaiowá. Os dados que constituem o *corpus* são um conjunto de nomes relativos a quinze noções que tradicionalmente não pertencem à cultura indígena. Esses nomes foram coletados a partir de entrevistas com seis informantes de cada subgrupo Guarani. A análise dos dados revelou, por exemplo, que 47% dos referentes (do recorte tomado para a pesquisa) são recebidos pelas comunidades já com os nomes provenientes da cultura de que procedem, ou seja, entre os dados, quase metade foi considerada empréstimo lexical.

Palavras-chave: empréstimos; neologismos**;** processo de nomeação**;** cultura indígena

Abstract: In this paper we present a brief study regarding the nomination procedure of new referents introduced in the daily lives of indigenous communities Guarani Ñandeva and Guarani Kaiowá. The corpus data are a set of names for the fifteen notions that traditionally do not belong to the indigenous culture. These names were collected in interviews with six informants from each Guarani subgroup. For example, the data showed that 47 % of new referents are nominated by the same names they have in the original culture, so based on data we can say that almost half of the occurrences was considered loanword.

Keywords: loans; neologisms; nomination; Indian culture

> "[...] as línguas como as civilizações não se bastam a si mesmas e os contatos linguísticos são inevitáveis" (BORBA, 1975).

Introdução

Muitas comunidades indígenas do Mato Grosso do Sul, especialmente as da região sul, estão localizadas próximas da área urbana dos municípios. Essa proximidade resulta em uma situação de contato que possibilita a indígenas e não indígenas o conhecimento de culturas e vivências diferenciadas. Entre os elementos que compõem a cultura, a língua é o que mais se destaca; e é na língua que podemos verificar marcas evidentes desse contato, especialmente no nível do léxico.

Considerando esse contexto, neste trabalho, temos como objetivo principal verificar como duas comunidades indígenas Guarani (Kaiowá e Ñandeva) do sul do estado procedem à nomeação dos novos (ou relativamente novos) referentes incorporados à cultura. A ideia é verificar, por meio de um recorte do léxico, em que medida os falantes estão atribuindo nomes oriundos da língua materna indígena ou recebem os novos "bens" (materiais e imateriais) já com a nomeação da língua da comunidade de onde procedem. A pesquisa contribui para verificar se as línguas não indígenas – especialmente o português e, de certo modo, o espanhol – consideradas majoritárias, estão conseguindo avançar e se impor também em terras indígenas.

Como será possível observar – por meio do exame dos dados que compõem o *corpus* – o trabalho analisa a ocorrência de neologismos criados a partir de elementos da língua materna e de empréstimos lexicais.

Sobre a população indígena no Brasil e no Mato Grosso do Sul

De acordo com o Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), o Brasil tem 896,9 mil indígenas em todo o território nacional, somando-se a população residente tanto em terras indígenas (63,8%) quanto em cidades (36,2%). Do total, 817,9 mil se autodeclararam índios no quesito cor ou raça e 78,9 mil, embora se declarassem de outra cor ou raça, principalmente parda (67,5%), se consideram indígenas pelas tradições e costumes[1].

[1]*Brasil tem quase 900 mil índios de 305 etnias e 274 idiomas.* Disponível em http://www.brasil.gov.br/governo/2012/08/brasil-tem-quase-900-mil-indios-de-305-etnias-e-274-diomas. Acessado em 22 de dezembro de 2014.

O estado de Mato Grosso do Sul, que integra a Região Centro-Oeste, de acordo com o Censo Demográfico (2010), continua sendo o que possui a segunda maior população indígena do Brasil. Segundo a última contagem realizada, os indígenas do estado somam 73.295[2], sendo que desse total, mais da metade – 43.401 – pertencem à etnia Guarani Kaiowá, que está entre as 15 com maior número de indígenas no Brasil. Entre as informações divulgadas pelo IBGE, não localizamos os números relativos, em específico, à população Guarani Ñandeva.

Conforme Martins (2002), os grupos indígenas que restaram no estado são os Guarani (dos dois subgrupos), os Kadiwéu, os Terena, os Guató e os Ofayé. O autor lembra que os Kaiapó Meridional e os Payaguá – que às vezes são citados como grupos indígenas do Mato Grosso do Sul – já estariam extintos da região desde meados do século XIX.

Neste trabalho, interessa-nos mais diretamente os subgrupos Guarani, que de acordo com informações do Instituto Socioambiental[3], tradicionalmente, têm como base de organização social, econômica e política, a família extensa, divididas em *tekoha*, determinadas por afinidades ou relações de sangue. Cada família possui uma liderança, podendo ser um homem, designado *tamõi* (avô), ou uma mulher designada *jari* (avó), responsável pelas decisões de espaço, como plantações e utilização dos recursos naturais, orientação política e religiosa. Ainda com base nos dados do Instituto Socioambiental, as comunidades Guarani, ou seja, Ñandeva e Kaiowá, possuem estrutura política baseadas em chefes ou caciques, responsáveis pela ordem política em relação ao mundo ocidental.

Atualmente os subgrupos Guarani Kaiowá e Guarani Ñandeva vivem especialmente na região sul de Mato Grosso do Sul, nos municípios de Dourados, Caarapó, Ivinhema, Amambai, Japorã, entre outras.

Na sequência, passamos a uma breve discussão dos pressupostos teóricos utilizados na discussão dos dados da pesquisa.

Pressupostos teóricos: empréstimos e neologismos

[2] De acordo com o Censo 2010, as cinco maiores populações indígenas, além da de Mato Grosso do Sul, estão nos seguintes estados: Amazonas, 168.680; Bahia, 56.38; Pernambuco, 53.284; Roraima, 49.637; Mato Grosso, 42.538. A menor população está no Rio Grande do Norte, 2.597.

[3] ISO – INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *No Brasil atual*: população indígena no Brasil. Disponível em: http://pib.socioambiental.org/pt/c/0/1/2/populacao-indigena-no-brasil. Acessado em 07 de julho de 2014.

Esta pesquisa se insere na área do léxico. Podemos definir léxico, de acordo com Borba (1975, p. 270), como "o conjunto de vocábulos de que dispõe uma língua", ou seja, trata-se do vocabulário, que corresponde à parte palpável de cada língua. Vale ressaltar, ainda segundo Borba, que o léxico está em constante mobilidade, tendo em vista que muitas palavras se tornam arcaicas ao mesmo passo que outras novas surgem ou as já existentes evoluem quanto ao sentido (algumas têm o sentido ampliado enquanto outras perdem alguns de seus sentidos).

Quando novas palavras aparecem em uma língua, entendemos que ela está se enriquecendo, se renovando. Nesse contexto, dois processos principais contribuem para isso: a incorporação de palavras de outras línguas – empréstimos; e a criação e novas palavras ou novos sentidos para as que já existem – neologismos.

De acordo com o dicionário Aurélio (2010), os termos *empréstimo* e *neologismo* podem, inicialmente, ser definidos como incorporação ao léxico ou ao sistema linguístico de uma língua, de um vocábulo, significado ou estrutura de outro idioma e palavra ou expressão nova, ou antiga com sentido novo, respectivamente.

Carvalho (2009) apresenta a seguinte definição para empréstimo:

> [...] adoção por parte dos falantes de uma língua, de termo de outra, por perceberem alguma lacuna ou inadaptação para nomear algo, no acervo lexical da língua que falam. Cada falante tenta reproduzir esses modelos linguísticos importados para superar as novas situações. Nessa tentativa de reprodução de modelos encontrados em outro sistema, nem sempre o falante tem consciência do que está a fazer (CARVALHO, 2009, p. 75).

Já em Alves (1984, p. 119), encontramos uma definição de *neologismo* semelhante à registrada pelo dicionário citado, ou seja, "uma unidade lexical de criação recente, uma acepção nova que se atribui a uma palavra já existente ou, então, um termo recentemente emprestado a outro código linguístico".

Convém esclarecer que os *empréstimos*, de acordo com Luft (1973), por exemplo, podem ser classificados em *fonéticos*, *afixais*, *lexicais*, *sintáticos* e *semânticos*. Neste trabalho, no entanto, em razão do tema, trataremos apenas de *empréstimos lexicais*.

Pelo exposto, de acordo com as definições do dicionário e de outros autores, como Alves (1984), podemos entender *empréstimo* (lexical) como palavra incorporada ao léxico, cuja origem é de outra língua e o

significado permanece o mesmo. Já *neologismo* pode ser definido como palavra nova ou palavra já existente que ganha novo significado.

Para deixar a relação entre as noções de *empréstimo* e *neologismo* um pouco mais claras, podemos dizer que, para alguns autores, o empréstimo é uma categoria de *neologismos*, e para outros são fenômenos distintos.

Nesse contexto, Carvalho (2005) nos alerta para outra questão: não apenas fatores linguísticos estritos devem ser considerados, mas fatores culturais de outra natureza também: "toda importação de termos é uma intrusão de uma cultura estrangeira e traz consigo um precipitado de valores que interfere e modifica a cultura importadora". Assim, fica evidente que certas culturas se sobrepõem a outras, e uma pista disso é a incorporação recorrente de unidades lexicais que pode ser observada em uma língua.

De acordo com Robins (1997, p. 64), os *empréstimos* entram nas línguas todo tempo, "[...] mas sua frequência e suas fontes são temporariamente atingidas por fatores políticos e outros que resultam de contatos culturais restritos de uma ou outra espécie". Assim, podemos verificar que a interferência observada em razão da proximidade entre culturas diferenciadas é evidente e inevitável. Toda língua em uso muda o tempo todo e algumas acabam exercendo seu poder em relação à outra (sobretudo em relação àquelas consideradas minoritárias, como línguas indígenas e africanas, por exemplo). Nesse contexto, é preciso lembrar que tanto a língua que doa como a que recebe não se mantêm em estado de pureza (o que, aliás, não faz sentido pretender para nenhuma língua em uso).

De acordo com Borba (1975, p. 276), "[...] as línguas como as civilizações não se bastam a si mesmas e os contatos linguísticos são inevitáveis". Dessa maneira, a necessidade de enriquecimento do léxico a partir da proximidade e comunicação entre línguas vizinhas faz com que não haja línguas isoladas, pelo contrário, elas são totalmente envolvidas em um intercâmbio.

Ainda segundo Borba (1975, p. 276), "o sentimento de prestígio de uma língua faz com que ela resista ao empréstimo e se mantenha íntegra até certo ponto". Ou seja, reiterando, é evidente a predominância de algumas línguas sobre outras, algumas com maior prestígio, tendem a emprestar seu léxico a outras, recusando, até onde for possível, tal importação para si.

Calvet (2002, p. 39) entende os *empréstimos* como um fenômeno coletivo, tendo em vista que todas as línguas se utilizaram de tal recurso de forma massiva. Não basta procurar na própria língua um termo que se

assemelhe ao sentido de um léxico de outra língua, é preciso incorporá-lo e adaptá-lo a nossa própria língua.

É preciso lembrar que tanto os *empréstimos* como os *neologismos* surgem em função das necessidades das comunidades de nomearem novos elementos da sua realidade. Eles, porém, só se concretizam por decisão coletiva dos membros das comunidades.

Na seção seguinte, apresentamos uma síntese dos procedimentos metodológicos adotados para a pesquisa.

Procedimentos metodológicos

Os dados analisados neste trabalho foram coletados por meio de entrevistas com 12 informantes adultos (homens e mulheres) de duas comunidades indígenas do Cone Sul de Mato Grosso do Sul – Aldeia *Panambizinho* (Dourados) e Aldeia *Porto Lindo* (Japorã). Tendo como base um instrumento com 100 questões, coletamos os nomes que os Guarani Ñandeva e Guarani Kaiowá utilizariam para referentes que consideramos não tradicionais da cultura indígena.

Essa coleta se deu por meio de entrevistas gravadas e posteriormente transcritas pelos próprios informantes colaboradores da pesquisa. Durante a entrevista, perguntávamos: "Como podemos dizer, por exemplo, em guarani, *a geladeira está na cozinha*? Com essa questão, descobríamos, então, como os informantes diriam "geladeira" e "cozinha" em sua língua materna.

Esclarecemos que esses dados foram coletados tendo em vista a constituição de um *corpus* maior para uma pesquisa mais ampla – a tese de doutorado de Tavares (2015) e tiveram tratamento sob outras perspectivas na referida pesquisa.

Dada a natureza deste trabalho de Iniciação Científica (sobretudo o tempo para sua conclusão), apresentamos a análise das respostas obtidas como nomeação para 15 referentes.

Optamos por preservar a identidade dos informantes e para isso, utilizamos os seguintes códigos: PGN1 (professor Guarani Ñandeva 1); PGN2 (professor Guarani Ñandeva 2); PGK1 (professor Guarani Kaiowá 1); PGK2 (professor Guarani Kaiowá 2); e assim por diante.

Os itens lexicais analisados foram organizados em quadros e, para a análise, nos pautamos sistematicamente nos dicionários de língua guarani de Tibiriçá (1989), de Assis (2008) e de Montoya (2011[1639]). Para elucidação de alguns nomes obtidos, contamos ainda com a colaboração de fontes orais (falantes de língua guarani das duas comunidades).

Apresentação e análise dos dados

Conforme já explicitado, selecionamos para este trabalho, os vocábulos fornecidos, em língua indígena materna, para 15 referentes entendidos como itens que não fazem parte da cultura tradicional dos grupos indígenas, mas que atualmente estão presentes em seu cotidiano. Os referentes nomeados são dos seguintes campos semânticos: "casa e móveis", "meios de transportes atuais", "vestuário" e "comidas/bebidas industrializadas".

Apresentamos e analisamos, então, a nomeação para os seguintes referentes: "cozinha", "geladeira", "guarda-roupa", "cadeira", "bicicleta", "moto", "ônibus", "sorvete", "suco", "café", "açúcar", "calça", "blusa", "sapato" e "sandália". Passamos, na sequência, à análise dos dados.

O primeiro conjunto de respostas analisado foi o atribuído ao referente "cozinha" do campo semântico "casa e móveis". Esclarecemos que todos os quadros foram organizados pelas autoras deste trabalho a partir dos dados de Tavares (2015).

Segue o quadro 01 com os vocábulos obtidos juntos aos informantes.

Quadro 01 – Respostas coletadas para o item "cozinha"

Referente nomeado: Cozinha						
	PGN1	**PGN2**	**PGN3**	**PGN4**	**PGN5**	**PGN6**
Guarani Ñandeva	kosiná	kosina	cosina	tembi'u-koty	tembi'u koty	cosina
	PGK7	**PGK8**	**PGK9**	**PGK10**	**PGK11**	**PGK12**
Guarani Kaiowá	tembi'u roy	jatapyha	mba'e rendá mojyhá	cozinha	mbojy haty	tembi'u apo renda

Conforme podemos verificar no quadro, a maioria dos informantes Guarani Ñandeva utilizou vocábulos emprestados, com alterações ortográficas. Entretanto, dois informantes desse subgrupo étnico, (PGN4 e PGN5), forneceram palavras formadas a partir de elementos de sua própria língua materna. As respostas em língua indígena foram *tembi'u koty/tembi'u-koty*. Segundo os dicionários de guarani consultados, como por exemplo, Assis (2008) e Montoya (2011[1639]), *koty* significa "peça da casa" ou "lugar" e *tembi'u* significa "comida, alimento". Logo, para esses informantes a nomeação resultou numa palavra que literalmente significa "lugar de comida".

Já entre os informantes Guarani Kaiowá, o empréstimo aparece apenas uma vez, (PGK10), e sem alteração da ortografia. Ao que consta, os demais informantes tentaram procurar em sua própria língua materna uma expressão que pudesse designar esse referente. Assim, tivemos as seguintes respostas: *tembi'u roy*, *jatapyha*, *mba'e rendá mojyhá*, *mbojy haty* e *tembi'u apo renda*. De acordo com Assis (2008) e Montoya (1639[2011]), a primeira resposta, *tembi'u roy*, pode ser entendida por "comida fria", sendo *tembi'u* equivalente a "comida" e *roy* a "frio"; a segunda, *jatapyha*, pode ser entendida por "ir acender o fogo", uma vez que *jatapy* significa "acender o fogo" e *ha* a "ir". Assis (2008) também registra a forma *tataypy* e o empréstimo *kosina*, como equivalente ao nome em questão. A terceira resposta, *mba'e rendá mojyhá*, pode ser interpretada como "lugar onde se cozinha", já que *mba'e* seria equivalente a "coisa", e *renda* seria "lugar"; o significado da palavra *mojihá* não foi localizado em nenhum dos dicionários consultados, porém, de acordo com fonte oral (outro falante da língua), a palavra *mbojyha* significa "lugar onde se cozinha". A quarta resposta, *mbojy haty*, pode ser entendida por "lugar frequentado para fazer comida", sendo *mbojy* "cozinhar/fazer comida" e *haty* "lugar frequentado". A quinta resposta, *tembi'u apo renda*, foi interpretada como "lugar de elaborar/fazer comida", uma vez que *(a)tembi'u apo* equivale ao verbo "cozinhar", e *renda* equivale a "lugar", conforme Assis (2008).

Convém ressaltar que, durante a análise desses dados e de todos os outros dos demais quadros, a intenção é a tradução literal, que no contexto desta pesquisa, nos auxilia a compreender melhor o processo de nomeação dos referentes em questão.

O segundo item analisado foi "geladeira", para o qual as respostas dos informantes foram as seguintes:

Quadro 02 – Respostas coletadas para o item "geladeira"

Referente nomeado: Geladeira						
Guarani Ñandeva	**PGN1**	**PGN2**	**PGN3**	**PGN4**	**PGN5**	**PGN6**
	moroysãha	mbae mohoysãha	mba'e moroysãha	jeladeira	ymoróysãha	moroysãha
Guarani Kaiowá	**PGK7**	**PGK8**	**PGK9**	**PGK10**	**PGK11**	**PGK12**
	moroysãha	mbae mohoysãha	mba'e moroysãha	jeladeira	ymoróysãha	moroysaha

Observando os dados do quadro, verificamos que, dentre os informantes Guarani Nãndeva e Guarani Kaiowá, apenas dois fizeram uso do empréstimo (PGN4 e PGK10), com pequena alteração ortográfica; os

demais se valeram de combinação de vocábulos próprios da língua materna para nomear o referente em questão. Excetuando os empréstimos, as respostas obtidas foram *moroysãha, mbae mohoysãha, mba'e moroysãha*, *ymoróysãha e moroysãha* (todas com significados bem próximos). A partir de consulta ao dicionário de Assis (2008), traduzimos os vocábulos, aproximando o sentido para "coisa que esfria", sendo que *moro'ysã* é entendido por "esfriar" ou "refrescar" e *mba'e* por "coisa". Geladeira é então, "algo que esfria". A nomeação, nesse caso, tem a ver com a função do referente.

O terceiro conjunto de dados analisado foi o atribuído à "guarda-roupa". As respostas fornecidas para este item estão no próximo quadro.

Quadro 03 – Respostas coletadas para o item "guarda-roupa"

Referente nomeado: Guarda-roupa						
	PGN1	**PGN2**	**PGN3**	**PGN4**	**PGN5**	**PGN6**
Guarani Ñandeva	guarda-roupa	ao ryru	guarda-roupa	ao-kotyi	ao koty	guarda-roupa
	PGK7	**PGK8**	**PGK9**	**PGK10**	**PGK11**	**PGK12**
Guarani Kaiowá	ao renda	Moãyha	aonhongatuha	aogwarydaha	ao renda	ao renda

O quadro mostra que, para nomear o referente "guarda-roupa", três informantes Guarani Nãndeva fizeram uso do empréstimo (PGN1, PGN3 e PGN6). Os demais (PGN2, PGN4 e PGN5) apresentaram as palavras *ao ryru*, *ao-kotyi/ao koty*. Todas as respostas podem ser interpretadas por "lugar, recipiente para roupas", uma vez que, de acordo com Assis (2008), *ao* significa "roupa", *ryru* pode ser traduzido por "recipiente" ou "embalagem" e *kotyi* compreendido por "casinha" ou "guarita". Assim, a tradução literal mostra que os vocábulos indígenas criados para nomear tal referente também têm a ver com a função do referente e seguem a mesma estrutura de sentido da palavra em português – recipiente ou local onde se guarda roupa.

Já dentre os informantes Guarani Kaiowá, todos se utilizaram de palavras da língua materna para nomear o referente: *ao renda*, *moãyha*, *aonhongatuha* e *aogwarydaha*. De acordo com o que registram Assis (2008) e Tibiriçá (1989), a primeira resposta, *ao renda*, fornecida pelos informantes PGK7, PGK11 e PGK12, pode ser compreendida como "lugar de roupa", já que *ao* significa "roupa" e *renda* "lugar". A segunda resposta, *moãyha,* não foi localizada em nenhum dos dicionários consultados e nem possível de ser esclarecida por meio de consulta a fontes orais. Interpretamos as respostas *aonhongatuha* e *aogwarydaha* como uma formação híbrida

alterada, nas quais estão as lexias *ao* "roupa" e o verbo "guardar", numa tentativa de aproximação com a palavra da língua portuguesa (guarda-roupa).

O quarto item analisado foi "cadeira". Segue o conjunto de respostas obtido junto aos informantes.

Quadro 04 – Respostas coletadas para o item "cadeira"

Referente nomeado: Cadeira						
	PGN1	**PGN2**	**PGN3**	**PGN4**	**PGN5**	**PGN6**
Guarani Ñandeva	cadeira	Cadera	cadeira	apyka	apyka	vango, guapy'aa
	PGK7	**PGK8**	**PGK9**	**PGK10**	**PGK11**	**PGK12**
Guarani Kaiowá	gwapyhaty	Vãko	gwapy haty	vãko	vanko	gwapy ha

Conforme podemos visualizar no quadro, para designar o referente "cadeira", quatro dos informantes Guarani Nãndeva fizeram uso do empréstimo (PGN1, PGN2, PGN3 e PGN6). Os demais apresentaram palavras da própria língua, sendo elas *apyka e guapy'aa*. De acordo com o que registra Assis (2008), a primeira resposta, *apyka,* é traduzida por "banco, assento, lugar para sentar". A segunda resposta, *guapy'aa,* é a equivalente de "sentar-se". Nessa segunda resposta, a função ou utilidade do referente é lembrada quando o falante procura um vocábulo da própria língua.

Três dos informantes Guarani Kaiowá, (PGK8, PGK10 e PGK11), por sua vez, fizeram uso de empréstimo e os demais, (PGK7, PGK9 e PGK12), apresentaram palavras da língua materna para nomear o referente. Assim, obtivemos as palavras *gwapyhaty* e *gwapy ha.* De acordo com Assis (2008) e Montoya (1639[2011]), conforme já visto, *guapy* se traduz por "sentar" e *haty* por "assento", que também pode ser aceito como equivalente à "cadeira", ao menos em língua portuguesa. No caso desse referente, a estratégia de nomeação foi a utilização de uma palavra já existente na língua, porém, de sentido mais abrangente.

As respostas obtidas para o quinto item, "bicicleta", estão apresentadas no quadro que segue.

Quadro 05 – Respostas coletadas para o item "bicicleta"

Referente nomeado: Bicicleta						
	PGN1	**PGN2**	**PGN3**	**PGN4**	**PGN5**	**PGN6**
Guarani	vicicleta	bicicleta	bicicleta	tenda piru	tenda	bicicleta

Ñandeva					piru	
	PGK7	**PGK8**	**PGK9**	**PGK10**	**PGK11**	**PGK12**
Guarani Kaiowá	pikwe	Pikwe	xicreta	chicleta	pikwé	mba'e gwataha

O quadro mostra que, do grupo de informantes Guarani Nãndeva, apenas dois, (PGN4 e PGN5) não fizeram uso do empréstimo para nomear o referente "bicicleta". Os que procuraram a nomeação a partir de recursos da própria língua empregaram a palavra composta *tenda piru,* que, conforme pesquisa realizada no dicionário de Assis (2008), foi traduzida por "cavalo magro", uma vez que, entre os sentidos de *tenda* está o de "cavalo" e *piru* é "magro".

Do grupo dos Guarani Kaiowá, dois informantes (PGK9 e PGK10) utilizaram-se do empréstimo para denominar o referente. Os demais procuraram a nomeação a partir de vocábulos da língua materna, fornecendo as seguintes respostas: *pikwe/pikwé* e *mba'e gwataha*. Verificamos que Tibiriçá (1989) registra o vocábulo "picué: pé de animal (separado do corpo)" – não há registro nos demais dicionários consultados. Por essa acepção, entendemos que os informantes, para nomear o novo referente, utilizam-se de um processo metafórico uma vez que podemos entender que a locomoção por meio de bicicleta é mais rápida assim como são mais rápidos que o homem muitos animais. Já a segunda resposta, *mba'e gwataha*, de acordo com Tibiriçá (1989) e Assis (2008), pode ser entendida por "aquilo que anda", já que *mba'e* significa "aquilo que/o que" e *guatá* "andar". Vale lembrar que para essa tradução, recorremos a entradas distintas dos dicionários, ou seja, tal como foi enunciada, ainda não está registrada nos dicionários.

O sexto item analisado foi "moto", sendo que as respostas coletadas estão no quadro seguinte.

Quadro 06 – Respostas coletadas para o item "moto"

Referente nomeado: Moto						
	PGN1	**PGN2**	**PGN3**	**PGN4**	**PGN5**	**PGN6**
Guarani Ñandeva	moto	Moto	moto	tenda pya'e	tenda pya'e	moto
	PGK7	**PGK8**	**PGK9**	**PGK10**	**PGK11**	**PGK12**
Guarani Kaiowá	mboyapu'i	motoka	moto	Motoka	mba'e renda nhagwĩ	mba'e gwataha

Verificamos a partir dos dados do quadro que, para nomear o referente "moto"[4], quatro dos informantes Guarani Nãndeva, (PGN1, PGN2, PGN3 e PGN6), utilizaram-se de empréstimo. Os outros dois, (PGN4 e PGN5), apresentaram a palavra composta *tenda pya'e*, sendo os dois elementos, ao que consta, pertencentes à língua indígena em questão. Essa palavra composta não está registrada nos dicionários consultados, entretanto, conforme Assis (2008), que registra os vocábulos em entradas distintas, podemos entender a palavra como "cavalo rápido", uma vez que *tenda* pode ser entendido por "cavalo" e *pya'e* por "rápido". Na nomeação desse referente, os informantes tomaram um elemento relativamente mais comum da sua realidade, o cavalo (muitas famílias indígenas utilizam o cavalo e a carroça como meio de transporte) e o utilizaram numa espécie de processo metafórico.

Entre os Guarani Kaiowá, apenas três (PGK8, PGK9 e PGK10) designaram o referente fazendo uso do empréstimo. Os demais (PGK7, PGK11 e PGK12) apresentaram palavras da língua indígena: *mboyapu'i, mba'e renda nhagwĩ* e *mba'e gwataha*. A primeira dessas respostas, *mboyapu'i,* não foi localizada em nenhum dos dicionários consultados, mas de acordo com fonte oral, poderia ser compreendida como "algo que faz barulho". Em relação à segunda resposta, *mba'e renda nhagwĩ*, vimos que *mba'e* e *renda* possuem equivalente na língua portuguesa ("coisa" e "lugar", respectivamente), no entanto, a tradução possível para *nhagwĩ* é "perto". Nesse sentido, não foi possível construir uma tradução coerente, que se aproximasse de "moto". A terceira resposta, *mba'e gwataha*, segundo Tibiriçá (1989) e Assis (2008), pode ser entendida como "aquilo que anda", tratando-se de uma resposta mais genérica, obtida também para o referente "bicicleta", já mencionado. Nesses itens, vimos, então, que os procedimentos de nomeação são diferentes um do outro: utilização de metáforas (cavalo), característica (faz barulho), característica genérica (anda).

Ainda entre os meios de transporte, pesquisamos os equivalentes para a palavra "ônibus". Seguem, no quadro, as respostas obtidas.

[4] Silva (2011), durante pesquisa realizada com índios Guarani da Aldeia Bororó de Dourados, também coletou o empréstimo lexical "motoka".

Quadro 07 – Respostas coletadas para o item "ônibus"

Referente nomeado: Ônibus						
	PGN1	**PGN2**	**PGN3**	**PGN4**	**PGN5**	**PGN6**
Guarani Ñandeva	ônimo	Onimo	onimo	mba'eru puku	mba'eyru puku	Onimo
	PGK7	**PGK8**	**PGK9**	**PGK10**	**PGK11**	**PGK12**
Guarani Kaiowá	ônimo	Onimo	ônimo	onimu	mba'e ryru nhagwĩ	mba'e yrugwasu nhavi

Os dados expostos no quadro mostram que, para nomear o referente "ônibus", quatro dos informantes Guarani Nãndeva (PGN1, PGN2, PGN3 e PGN6) fizeram uso do empréstimo. Os demais (PGN4 e PGN5) apresentaram como resposta *mba'eru puku/mba'e eyru puku*. Segundo Assis (2008), *mba'eryru* pode ser traduzido por "carro, veículo ou automóvel" e *puku* por "alto, comprido". Logo, poderíamos traduzir a expressão por "carro comprido". Nesse caso, a nomeação toma como base a principal característica do referente em questão, a dimensão.

Dentre os Guarani Kaiowá, quatro informantes (PGK7, PGK8, PGK9 e PGK10) utilizaram-se de empréstimos. Os demais (PGK11 e PGK12) fizeram uso de expressões da língua materna, sendo *mba'e ryru nhagwi* e *mba'e yrugwasu nhavi*. Segundo Assis (2008), na primeira resposta, *mba'eryru* significa "carro ou veículo", porém, não conseguimos elucidar a palavra *nhagwi,* no entanto, uma tradução possível seria "veiculo que aproxima". A segunda resposta, *mba'e yrugwasu nhavi*, pode ser traduzida por "carro grande", uma vez que *mba'e* pode ser "coisa", *ryru* é "carro" e *guassu* é "grande". A palavra nhavi não foi elucidada por falta de fontes seguras, mas parece ser uma variação de nhagwi.

Entre os nomes para "alimentos e bebidas processados/industrializados", pesquisamos as possíveis respostas para o item "sorvete".

Quadro 08 – Respostas coletadas para o item "sorvete"

Referente nomeado: Sorvete						
	PGN1	**PGN2**	**PGN3**	**PGN4**	**PGN5**	**PGN6**
Guarani Ñandeva	Sorvete	Sorvete	sorvete	kumby ro'ysã yku	kumby ro'ysãyku	sorvete
	PGK7	**PGK8**	**PGK9**	**PGK10**	**PGK11**	**PGK12**
Guarani Kaiowá	mba'e he'ẽ roysã	Soryvete	soryvete	soryvete	he' ẽ roysã	mba'e he'ẽ roysã

Observando o quadro, vemos que, dentre os Guarani Nãndeva, o empréstimo apareceu na resposta de quatro informantes (PGN1, PGN2, PGN3 e PGN6). Os demais entrevistados (PGN4 e PGN5) buscaram respostas valendo-se de elementos da própria língua materna. Assim, apresentaram as expressões *kumby ro'ysã yku/kumby ro'ysãyku*, que apesar de pequena diferenciação na grafia, seriam equivalentes. De acordo com Assis (2008), *kumby* é o equivalente a "gostar" ou "saborear"; *roysã*, equivalente a "fresco". Esse dicionário não registra o vocábulo *yku,* o que nos fez recorrer a Montoya (1639[2011]), que registra *yku* com o sentido de "derreter". Diante da pesquisa nos dicionários, concluímos que todas as palavras e seus significados estão relacionados com o referente, porém, associadas, isto é, juntas, essas palavras permitem apenas uma tradução literal imprecisa, algo como "o que é gostoso, fresco, derrete". Assim vemos que a expressão utilizada para a nomeação do referente é baseada em suas características, conforme a visão dos falantes.

No outro grupo de informantes, isto é, no grupo dos Guarani Kaiowá, três informantes (PGK8, PGK9 e PGK10) fizeram uso de empréstimo. Os demais (PGK7, PGK11 e PGK12) buscaram na língua materna palavras para designar o referente, obtendo-se as palavras *mba'e he'ẽ roysã* e *he'e roysã.* Como já visto, *roysã* é o equivalente a "fresco", e *he'e*, de acordo com os dicionários consultados, pode ser traduzido por "doce". Dessa maneira, as duas expressões apresentadas podem ser entendidas como sendo "o que é doce, fresco". Também nessas respostas, as características dos referentes são consideradas para a nomeação.

O próximo item analisado foi "suco", sendo as respostas dos informantes as que estão no quadro que segue.

Quadro 09 – Respostas coletadas para o item "suco"

Referente nomeado: Suco						
Guarani Ñandeva	**PGN1**	**PGN2**	**PGN3**	**PGN4**	**PGN5**	**PGN6**
	suco	suco	suco	yva rykue	yva rykue	suco
Guarani Kaiowá	**PGK7**	**PGK8**	**PGK9**	**PGK10**	**PGK11**	**PGK12**
	hey'úa	-	jva rykwere	suco	hye'ẽ	mba'e he'ẽ

Sobre esse item da análise, é preciso fazer uma ressalva: temos consciência de que os indígenas sempre conheceram o referente "suco", porque sempre espremeram frutas e outros alimentos. O suco que os informantes desta pesquisa consomem hoje, no entanto, não é mais aquele

alimento tradicional, mas o industrializado, ou, quando natural, o preparado com a ajuda do liquidificador. Nesse sentido, não se trata mais do mesmo alimento.

O quadro demonstra que, dentre os informantes Guarani Nãndeva, quatro (PGN1, PGN2, PGN3 e PGN6) utilizaram-se de empréstimo para nomear o referente "suco". Os outros dois (PGN4 e PGN5) apresentaram a palavra *yva rykue*, pertencente à própria língua, que pode ser entendida como "espremer o suco da fruta".

Dos informantes Guarani Kaiowá, um (PGK8) não respondeu; um, (PGK10), utilizou-se de empréstimo; e quatro (PGK7, PGK9, PGK11 e PGK12) apresentaram as palavras *hey'úa, jva rykwere, hye'e* e *mba'e he'e*, pertencentes à língua materna. Na primeira resposta, de acordo com Assis (2008), em *hey'úa*, *hey* pode ser derivação da palavra *hy*, que por oscilação existente na língua pode ser o mesmo que *ty*, "doce"; é possível que *úa* seja alteração de *yva*, "fruta". Logo, supomos que sejam formas alteradas pela pronúncia e pela grafia, e consideramos a tradução como "suco da fruta". Na segunda resposta*, jva rykwere*, *jva* é uma forma alterada da palavra *yva*, que significa "fruta", e *rykwere* pode ter vindo da palavra *hykue*, já mencionada e traduzida por "espremer". Dessa maneira, a expressão pode ser entendida por "espremer a fruta" ou, mais de acordo com o contexto, "fruta espremida". Na terceira resposta*, hye'e*, *hy* pode ser equivalente à *ty*, que significa "suco" e *he'e* "doce". Logo, pode ser entendida como "suco doce". Já a quarta resposta, *mba'e he'e*, como anteriormente mencionado, pode ser interpretado como "o que é doce".

Na sequência, passemos ao décimo item analisado – "café" – cujas respostas associadas a ele estão apresentadas no próximo quadro.

Quadro 10 – Respostas coletadas para o item "café"

Referente nomeado: Café						
	PGN1	**PGN2**	**PGN3**	**PGN4**	**PGN5**	**PGN6**
Guarani Ñandeva	café	café	café	rambosa	py'a joko	café
	PGK7	**PGK8**	**PGK9**	**PGK10**	**PGK11**	**PGK12**
Guarani Kaiowá	huã	-	kafé	café	mba'e hũe'ẽ	mba'e he'ẽ hũ

Consoante os dados expostos no quadro, vemos que, para nomear o referente "café", quatro dos informantes Guarani Nãndeva (PGN1, PGN2, PGN3 e PGN6) utilizaram-se de empréstimo sem alteração na grafia. Os demais (PGN4 e PGN5) apresentaram as palavras *rambosa* e *py'a joko*,

pertencente à língua materna. Segundo Assis (2008), a primeira resposta, *rambosa*, é alteração de "almoçar", portanto um empréstimo. Nesse caso, notamos que o informante pensou em "café" como uma refeição, que, sobretudo em localidades rurais costuma ser constituída de alimentos também consumidos apenas no almoço em algumas regiões do Brasil. Já na expressão *py'a joko*, *pya'e* é o mesmo que "rápido" e *joko* significa "sustentar-se". Logo, a tradução literal pode ser, de acordo como o contexto, "algo que sustenta rápido", uma refeição rápida.

Entre os Guarani Kaiowá, um informante (PGK8) não respondeu, dois informantes (PGK9 e PGK10) responderam com empréstimos e três (PGK7, PGK11 e PGK12) utilizaram vocábulos que, em princípio, são próprios da língua indígena: *huã, mba'e hue'e* e *mba'e he'e hu*. Segundo Assis (2008), *hũ* é sinônimo de "negro". Na segunda e terceira resposta, *mba'e hue'e/mba'e he'e hu*, de acordo com as informações dos dicionários (que já apresentamos nesta análise), as expressões poderiam ser entendidas como sendo "aquilo que é doce e preto".

No próximo quadro estão as respostas obtidas com os informantes para o referente "açúcar", ainda do campo semântico "alimentos e bebidas processados/industrializados".

Quadro 11 – Respostas coletadas para o item "açúcar"

Referente nomeado: Açúcar						
	PGN1	**PGN2**	**PGN3**	**PGN4**	**PGN5**	**PGN6**
Guarani Ñandeva	asuká	asuka	asuka	Eiratã	açuca	asuka
	PGK7	**PGK8**	**PGK9**	**PGK10**	**PGK11**	**PGK12**
Guarani Kaiowá	he'ẽ	moeẽha	asúka	Açuca	mba'e he'ẽva	he'ẽ

Como podemos notar no quadro, para nomear o referente "açúcar", seis dos informantes (PGN1, PGN2, PGN3, PGN5 e PGN6) utilizaram empréstimo com alteração ortográfica, e apenas um (PGN4) apresentou a palavra *eiratã*, que seria da língua materna. Segundo Assis (2008), *eíra* é sinônimo de "mel". De acordo com fonte oral (falante da língua materna), a palavra *eiratã* é equivalente a "açúcar", da língua portuguesa.

Dos Guarani Kaiowá, dois informantes (PGK9 e PGK10) fizeram uso de empréstimo. Os demais (PGK7, PGK8, PGK11 e PGK12) apresentaram as palavras *he'e, moeeha* e *mba'e he'eva*. De acordo com Assis (2008), como já mencionado, *he'e* é sinônimo de "doce". Segundo Tibiriçá (1989), *mohe-ẽ* pode ser traduzido por "adoçar". A última resposta, *mba'e*

he'eva, também já mencionada, poderia ser entendido como "aquilo que é doce". Mais uma vez notamos que a nomeação está baseada na descrição.

Passando ao campo semântico "vestuário", analisamos, no próximo quadro, as respostas referentes a "calça" (calça comprida).

Quadro 12 – Respostas coletadas para o item "calça"

Referente nomeado: Calça						
Guarani Ñandeva	**PGN1**	**PGN2**	**PGN3**	**PGN4**	**PGN5**	**PGN6**
	kasõpukú	kasõ puku	kasõpuku	kasõ puku	casõ puku	cazon puku
Guarani Kaiowá	**PGK7**	**PGK8**	**PGK9**	**PGK10**	**PGK11**	**PGK12**
	kasõ puku	kasõpuku	kasõ puku	kasopuku	kansõ	kasõ

O quadro mostra que houve pouca variação de reposta para esse item. Para nomear o referente "calça", os informantes Guarani Nãndeva e Guarani Kaiowá fizeram uso de uma única palavra (composta), apenas com diferenças quanto ao registro ortográfico, sendo *kasõpukú/kasõ puku/casõ puku/cazon puku/kansõ*. Tal palavra se constitui como um hibridismo, uma vez que *kasõ* é empréstimo referente à "calça" e *puku*, de acordo com Assis (2008) é "comprido". Logo, poderíamos traduzir a resposta, literalmente, como "calça comprida[5]".

Ainda desse campo semântico, "vestuário", analisamos as respostas obtidas para o item "blusa", apresentadas no próximo quadro.

Quadro 13 – Respostas coletadas para o item "blusa"

Referente nomeado: Blusa						
Guarani Ñandeva	**PGN1**	**PGN2**	**PGN3**	**PGN4**	**PGN5**	**PGN6**
	váta	lusa	vata	vata	ao aku	vata
Guarani Kaiowá	**PGK7**	**PGK8**	**PGK9**	**PGK10**	**PGK11**	**PGK12**
	rusa	rusa	kunha rúsa	kunha rusa	rúsa	rusa

Como é possível constatar no quadro, com exceção de uma das respostas obtidas, (PGN5), com os Guarani Ñandeva, as demais desse subgrupo são empréstimos; verificamos a alteração *lusa* (de blusa) e *vata* (de bata), que é um tipo de blusa. Conforme Houaiss (2001), "bata" é

[5] É válido ressaltar que em pesquisa já citada anteriormente, Silva (2011) também obteve como resposta para tal referente, o empréstimo "kasõ".

também "blusa folgada que se usa solta por fora da saia ou da calça". Esse modelo de blusa parece estar, inclusive, mais próximo a alguma das vestimentas tradicionais dos indígenas. A resposta *ao aku* é a única que seria formada de palavras da língua materna do informante – *ao* (roupa) e *aku* (calor, quente), "roupa quente", literalmente. Esses dois vocábulos encontram-se, em entradas distintas, registrados nos dicionários consultados.

Entre os Guarani Kaiowá, a maioria respondeu *rusa* (de blusa) e dois (PGK9 e PGK10) forneceram formas híbridas: *kunha rusa/kunha rúsa* (literalmente, "blusa de mulher"); apenas o primeiro vocábulo dessa composição está registrado nos dicionários, e a grafia mais usual é *kunã*, de acordo com o registro dos dicionários.

Analisamos também as respostas fornecidas para o referente "sapato", que também faz parte do campo semântico "vestuário". Esses dados estão no próximo quadro.

Quadro 14 – Respostas coletadas para o item "sapato"

Referente nomeado: Sapato						
	PGN1	**PGN2**	**PGN3**	**PGN4**	**PGN5**	**PGN6**
Guarani Ñandeva	pyrehegvá	sapatu	sapato	pyrehegua isã'yua	pyrehegua	sapatu
	PGK7	**PGK8**	**PGK9**	**PGK10**	**PGK11**	**PGK12**
Guarani Kaiowá	pyryru	pyryru	py ryru	sapato	py ryru	pyryru

Primeiramente, é preciso mencionar que *sapatu*[6] é empréstimo registrado em todos os dicionários de guarani consultados (inclusive em Montoya (2011[1639])). Entre os Guarani Ñandeva, notamos a opção de três (PGN1, PGN4 e PGN5) por *pyrehegua*, forma que está dicionarizada com o sentido equivalente apenas em Guasch e Ortiz (2001). Não há registro, nos dicionários consultados, de *pyrehegua isã'yua,* entretanto, de acordo com informante falante da língua materna, *isã'yua* seria equivalente a "correia do chinelo". Essa tradução literal, portanto, apenas tem certa relação com o referente em questão.

Os Guarani Kaiowá, por sua vez, com exceção de PGK10, que optou pelo empréstimo, preferiram *pyryru*. Encontramos em Tibiriçá (1989) e em Guasch e Ortiz (2001) o registro de *pîrîru (*"tudo que se calça") e *pyryru*

[6] Segundo a pesquisa de Silva (2011), os indígenas da Aldeia Bororó de Dourados também forneceram como resposta para o referente em questão a palavra "sapatu".

("sapato"), respectivamente. No vocábulo *pîrîru*, novamente notamos a generalização. Nesse contexto, esse procedimento é muito compreensível, uma vez que a variedade de sapatos não é algo próprio da cultura indígena tradicional, ou seja, uma palavra de sentido genérico poderia dar conta de "tudo que se calça".

O último item cujas respostas foram escolhidas para análise foi "sandália", conforme se visualiza no quadro.

Quadro 15 – Respostas coletadas para o item "sandália"

Referente nomeado: Sandália						
Guarani Nãndeva	**PGN1**	**PGN2**	**PGN3**	**PGN4**	**PGN5**	**PGN6**
	sandalha	sandália	sandália	-	kuña pyrehegua	sandália
Guarani Kaiowá	**PGK7**	**PGK8**	**PGK9**	**PGK10**	**PGK11**	**PGK12**
	pyryru kunhã	sandália	sandária	sandaia	py ryru	pyryru

De acordo com o quadro, para nomear o referente "sandália", quatro dos informantes Guarani Nãndeva (PGN1, PGN2, PGN3 e PGN6) fizeram uso do empréstimo, o informante PGN4 não respondeu e PGN5 apresentou a palavra *kuña pyrehegua*, formada com itens lexicais pertencentes à língua materna. Já vimo que *kuña* é sinônimo de "mulher"; *pyrehegua* é forma que está dicionarizada com o sentido equivalente a "sapato" apenas em Guasch e Ortiz (2001). Temos, portanto, "sapato de mulher", literalmente.

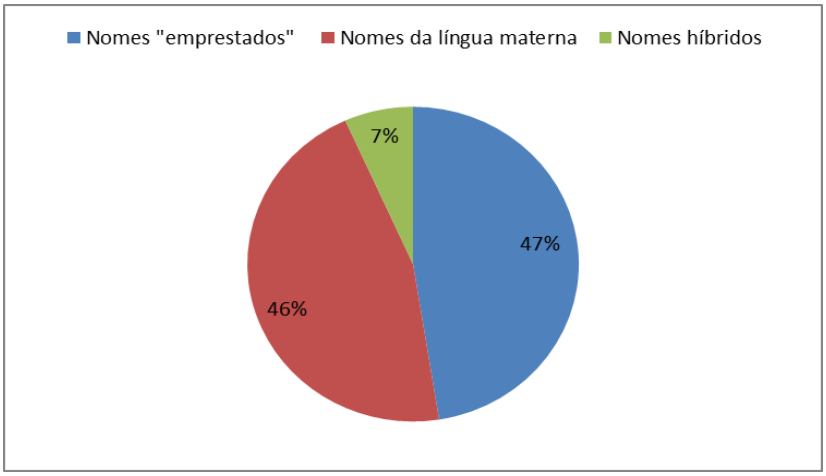
Entre os informantes Guarani Kaiowá, três (PGK8, PGK9 e PGK10) forneceram empréstimo. Os demais (PGK7, PGK11 e PGK12) procuraram na língua materna recursos para nomear esse referente, apresentando as palavras *pyryru/pyryrukunhã* e *pyryru*. Conforme já visto, de acordo Guasch e Ortiz (2001), *pîrîru* é "tudo que se calça". Podemos concluir, a partir disso, que *pyryrukunhã* é "o que a mulher calça". Embora os homens também utilizem sandálias, pressupomos que um dos informantes entendeu sandália como calçado para mulher.

Esses foram, então, os quinze conjuntos de respostas escolhidos para análise.

Somando todas as palavras fornecidas para nomear os referentes em questão, obtivemos um total de 179. Desse total, 85 foram analisadas como empréstimos da língua portuguesa ou da língua espanhola com ou sem alteração; 12 apresentaram hibridismo, ou seja, expressões compostas por empréstimos e palavras da própria língua; e por fim, 82 optaram por

utilizar itens lexicais da língua materna indígena. O gráfico seguinte mostra essa proporção:

Gráfico 01 – Mecanismos de nomeação observados



Fonte: a própria autora

Dentre esses 47% que analisamos como empréstimos, estão palavras como “kosina”, “jeladeira”, “vãko” e “kafé”; para a soma desses 7%, consideramos formações lexicais como “kasõ puku”, “aogwarydaha” e “kunha rusa”.

Já entre os 46% dos vocábulos dados como equivalentes ao item mencionado, 11 estão registrados nos dicionários de guarani consultados em entrada única, o que é um indicativo de já estarem consolidados na língua. Desse percentual, entretanto, temos que destacar que 70 são criações lexicais não localizadas nos dicionários (ao menos na mesma entrada, reiteramos), por isso, podemos considerá-las como formações neológicas, ou neologismos.

Considerações finais

Através da análise dos nomes dos novos referentes introduzidos no cotidiano indígena, pudemos verificar, pela análise dos dados, que a proporção entre empréstimos e palavras criadas a partir de elementos da língua materna é praticamente equivalente. Se por um lado, podemos afirmar que a língua portuguesa, representada pelos nomes dos referentes, se impõe junto com a cultura a essas comunidades, por outro lado, notamos uma tentativa dos indígenas de buscar na própria língua

elementos que pudessem ser combinados para formar novas palavras, que por sua vez, serviram para nomear novas noções.

Entre os dados, verificamos também a presença de palavras híbridas, ou seja, formadas pela junção vocábulos da língua portuguesa juntamente com vocábulos pertencentes à língua materna indígena, conforme exemplos já mencionados.

Constatamos que ao nomear o referente a partir da própria língua, o indígena tenta buscar em seu vocabulário palavras cujo sentido se aproxime, pois na maioria das expressões traduzidas há certa referência entre a coisa e a designação dada a ela. Exemplos evidentes são verificados em traduções como "o que é doce e frio" (*mba'e he'ẽ roysã*) para sorvete e "carro comprido" (*mba'eryru puku*) para ônibus.

Algumas dificuldades foram enfrentadas na tentativa de traduzir as expressões: primeiramente, conseguir identificar o que se tratava de hibridismo e posteriormente lidar com palavras cujas grafias parecem inadequadas tanto para a língua portuguesa quanto para a língua guarani (segundo os dicionários consultados). Em razão disso, foi necessário pesquisar nos dicionários não somente a palavra apresentada pelo falante, mas também palavras com grafias próximas, na tentativa de verificar a que melhor se encaixava no contexto. Ainda assim, restaram casos de expressões cuja tradução não foi possível nem por meio da consulta ao dicionário e nem por meio da consulta a outros falantes de língua guarani.

Convém registrar que, durante o exame dos dados, verificamos que, no interior do mesmo grupo étnico, houve variação de respostas. Isso apenas comprova mais uma vez que o fenômeno da variação linguística ocorre mesmo em comunidades relativamente pequenas.

Considerando os dois subgrupos, os informantes Guarani Ñandeva foram os que fizeram mais uso dos empréstimos linguísticos, enquanto os Guarani Kaiowá demonstraram-se mais conservadores (isso porque foram os que se esforçaram um pouco mais para nomear a partir da língua materna, ainda que por processos metafóricos).

Por fim, consideramos que o trabalho cumpriu seu objetivo: pretendíamos obter uma noção sobre determinado processo de nomeação e obtivemos. Não consideramos motivo de preocupação, em relação à preservação das línguas indígenas, o fato de termos encontrado uma quantidade significativa de empréstimos no recorte tomado para a pesquisa; ao contrário, consideramos um fenômeno natural que ocorre com todas as línguas. Os empréstimos podem ser entendidos como mecanismo de ampliação e enriquecimento das línguas e não indicam, por si sós, tendências de abandono ou ruptura com uma cultura tradicional.

Referências

ALVES, Ieda Maria. *A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português*. São Paulo: Editora alfa, 1984.

ASSIS, Cecy Fernandes de. *Ñe'eryru Dicionário Guarani-Português / Português-Guarani*. São Paulo: Editora da autora, 2008.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos lingüísticos*. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

CALVET, Louis Jean. *Sociolingüística*: uma introdução crítica. Trad. Marcos Marcionílio. São Paulo: Editora Parábola, 2002.

CARVALHO, Nelly. Empréstimos linguísticos e identidade cultural. *In*: *Cadernos do CNLF*, Série X, n. 11. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xcnlf/14/09.htm; acessado em 09 de setembro de 2014.

_____. Empréstimos e identidade cultural. *In: Universia Brasil.* Disponível em: http://noticias.universia.com.br/ciencia-tecnologia/noticia/2005/09/22/461511/emprestimos-e-identidade-cultural.html; acessado em 04 de maio de 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Míni Aurélio*: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010.

FUNAI – FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. *Quem são*. Disponível em: http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao?start=6; acessado em 10 de agosto de 2014.

GUASCH, Antonio; ORTIZ, Diego *Diccionario castellano-guaraní; guaraní-castellano*. 13. ed. Paraguay: Asunción/PY: Centro de Estudios Paraguayos "Antonio Guasch. 2001.

HOUAISS, Antonio; VILAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva, 2001.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo 2010*. Disponível em censo2010.ibge.gov.br/. Acessado em 03 de setembro de 2014.

ISO – INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *No Brasil atual*: população indígena no Brasil. Disponível em: http://pib.socioambiental.org/pt/c/0/1/2/populacao-indigena-no-brasil. Acessado em 07 de julho de 2014.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário gramatical da língua portuguesa*. Porto Alegre: Globo, 1973.

MARTINS, Gilson Rodolfo. *Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2002.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Tesoro de la lengua guaraní*. Asunción: Editora Montoya, 1639[2011].

ROBINS, Robert. H. *Lingüística geral*. Porto Alegre: Editora Globo, 1997.

SILVA, Camila André do Nascimento da. *O uso de neologismo por empréstimo em Kaiwá*: Um estudo preliminar da versão do novo testamento bíblico. 184 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Três Lagoas/MS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2011.

TAVARES, Marilze. *Um estudo das etnias Guarani Kaiowá e Guarani Ñandeva a partir de suas impressões sobre as línguas e de um recorte do léxico em uso londrina*. 326 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Londrina/PR: Universidade Estadual de Londrina: 2015.

TRASK, Robert Lawrence**.** *Dicionário de linguagem e linguística*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

TIBIRIÇÁ, Luíz Caldas. *Dicionário guarani português*. São Paulo: Traço Editora, 1989.

[i] E-mail da autora: paulinha_2406@hotmail.com

[ii] E-mail da autora: marilze.tavares@terra.com.br